Sobre Franklin Távora

Raimundo Girão

Na sessão do dia 25 de abril deste ano fui aclamado, unanimemente, *sócio efetivo* da Sociedade Cearense de Geografia e História, da qual já era, com muito júbilo para mim, e por aclamação igual, *Presidente de Honra.*

A Cadeira que eu passava a ocupar era, e é, a de n. 22, de que é patrono Franklin Távora, e de logo senti-me em embaraço: o meu patrono da Cadeira n. 21, que ocupo na Academia Cearense de Letras, é José de Alencar, e então refleti como a mim seria dado conciliar no meu espírito estes dois nomes gloriosos das Letras cearenses, ambos, no Rio de Janeiro, empenhados na mais injustificada e acirrada polêmica.

Polêmica, aliás, provocada pelo meu novo Patrono, indisposto com o autor de *Iracema* por simples melindre, filho, é preciso reconhecer, da impetuosidade dos seus 18 anos de idade.

E sabe-se, como a melhor versão, que tudo resultou do fato de haver Távora oferecido a Alencar o seu romance *Índios do Jaguaribe,* sem que recebesse, de mais imediato, qualquer pronunciamento daquele a quem nem estava estritamente obrigado a dizer algo sobre o livro oferecido.

Clóvis Beviláqua, escrevendo sobre Franklin Távora na *Revista da Academia Cearense de Letras* (trabalho transcrito na *Revista do Instituto do Ceará,* vol. XLVIII, ps. 277-285), assim aprecia o lamentável incidente: "Os *Índios do Jaguaribe* vêm à luz em 1862

(Recife), são um extenso romance da escola indianista, em quatro volumes e tendo como tema a expedição de Pero Coelho de Sousa ao Ceará, em 1603. É um trabalho de valor em que o estudo muito auxiliou a concepção, e é pena que a sua segunda edição, impressa na tipografia do *Jornal do Recife,* em 1870, não tivesse ido além do primeiro volume.

"Foi este escrito que determinou a lamentável desinteligência aberta entre Távora e Alencar, quando aquele galgava os primeiros degraus da carreira literária e este já atingira ao esplendor de sua glória com o *Guarani, Iracema* e outros primores de arte que o sagraram o vulto mais elevado do romantismo brasileiro.

"Araripe refere-me o caso por este modo. Tendo Alencar recebido o romance de Távora, leu-o com muita curiosidade e interesse, anotando à margem dos trechos que lhe haviam merecido maior reparo, no intuito de responder ao novel escritor, agradecendo-lhe a oferta e dando-lhe a sua opinião sobre o valor do trabalho.

"Essa resposta, no entanto, por motivos que não desconhecem os que tem ocupações literárias, demorou mais do que era de esperar. Susceptível, como todo artista, o autor dos *Indios do Jaguaribe* sentiu-se do silêncio e não tardou em transformar essa mágoa em irritação, quando um amigo lhe informou que o glorioso cearense lhe havia desapiedadamente analisado a obra, resumindo o seu parecer num dicto cáustico:" tais índios precisam ainda de ser descascados"!

"A intriga era caluniosa — acrescenta Beviláqua — mas produziu a explosão das *Cartas de Semprônio* e de artigos de jornais que, noticiando as produções do grande romancista, se tentava mostrar os *progressos da decadência do escritor."*

Por certo, conhecendo um pouco da imensa e admirável obra cultural de José de Alencar, vi quanto injusto, até cruel, se mostrava o seu opositor e, por isso guardei no espírito reservas sobre a personalidade de Franklin Távora, pelo meu modo de ver um bom romancista mas, pessoalmente, um irritadiço, um inconseqüente.

Agora que o tenho como Patrono na Sociedade Cearense de Geografia e História, passei a olhar com outros olhos o baturiteense ilustre, cuja legitimidade como escritor CEARENSE muitos põem em dúvida, visto que, saído daqui do Ceará em tenra idade, formou

o seu caráter e a sua estrutura intelectual em Pernambuco, mudando-se definitivamente, como fez, com os pais para o Recife, onde se bacharelou em Direito, exerceu cargos públicos de relevo, quais os de diretor da Instrução Pública e Curador Geral de Órfãos, sem nunca ter voltado, por uma vez sequer, à terra natal.

Beviláqua o exime desta falta: "Ainda muito verde em anos veio para Pernambuco (o depois grande jurista escrevia do Recife), acompanhando a família paterna, que para aqui transferira os seus pertences. Em Pernambuco, portanto, formou-se o seu belo espírito e por isso que os seus romances ressumbram, cantam, brilham alegres ou choram magoados as lendas e tradições da terra pernambucana. Mas, uma vez por outra, os olhos dalma se volviam amorosos para o esbraseado solo cearense, ou em referência de livro destinado a outro assunto ou na intenção de erigir-lhe em afetuoso momento de arte, como é o poema dos *Índios do Jaguaribe.*

Vinícius de Barros Leal, em excelente ensaio publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras,* n. 39, de 1978, ps 121-147, fornece-nos, nesse tocante, estas letras: "Está evidente a nostalgia de um exilado quando canta as saudades do seu Candéia, das serranias que devaneia, sonhando ao longe com ainda recente liberdade que gozara no vale baturiteense. Vale a pena ler os versos de Franklin Távora na sua saudosa evocação". E a seguir transcreve estas estrofes do moço "cujos olhos dalmá, na expressão de Beviláqua, se volveriam amorosos para o esbraseado solo cearense".

São estes versos sob o título *Ceará:*

"CEARÁ"

"Ceará! subido nome
Que tenho sempre em lembrança,
Longe de ti guardo ainda
De ver-te, um dia a esperança,
Hei-de ver-te, que a saudade
Tem solene potestade
No meu triste coração;
Hei-de ver-te cara terra,
Quer seja na paz ou na guerra,
Hei-de ver-te o meu condão.

Em-teus campos de delícias
Permita Deus qu'inda pise,
E que meus cantos da lira
Com tua brisa harmonize.
Permita o céu qu'inda veja
A borboleta que adeja
Nos campos de flor em flor;
Ceará, terra adorada,
És meu anjo, a minha fada,
És meu Norte, o meu amor.

Serei um dia ditoso,
Em teu ditoso torrão
Morrerei cheio de glória
Se morrer no meu sertão.
Se gozar inda a alegria
D'apreciar a magia
Que teus campos ornamenta
Serei feliz, terra cara,
Como o é também a arara
Qu'em teus frutos se alimenta.

"Serei feliz se algum dia
Eu puder pronunciar:
"Sou feliz na minha terra
"A seus mimos desfrutar"
Então tirarei da lira
Um canto que só inspira
O fruto, as águas, a flor;
E na terna cantiga
Entoarei, terra amiga,
A sombra de teu verdor.

És a pérola do Norte,
Meu mimoso Ceará;
Tens delícias às milhares,
Delícias que não há cá.
Tens um rio sussurrante,

O Jaguaribe gigante,
Tens o leque da palmeira;
Tens o melão, tens a pinha,
Tens a mimosa avezinha,
O fruto da laranjeira.

És tão bela, minha Pátria!
És tão formosa e gentil!
Não desmentes a lindeza
De tudo que é do Brasil.
Não desmentes o sublime
Que do Brasil tudo exprime.
A santa Paz, a União;
Serás feliz, cara terra,
Viverás livre de guerra,
Meu basílico sertão.

Teu nome será olhado
Como nome de valor;
Eu mesmo cantá-lo-ia
Se não sentisse essa dor
Esta dor que me devora
Por não ver raiar a aurora
Nos teus belos campinais;
Por não gozar dos odores
Que lá espargem as flores
Dos teus verdes laranjais.

Contudo, querida terra,
Recebe o saudoso adeus
D'um filho teu, que de longe
Não goza dos mimos teus.
Que não vê a carnaúba,
Não tem montes onde suba
Nem as fontes de cristal;
Que vive longe, distante
De sua Pátria brilhante,
De sua terra natal."

A qualidade ou não do escritor cearense é apreciada pelo Dr. Dolor Barreira, o extraordinário autor da *História da Literatura Cearense* (Edição Editora do Instituto do Ceará, 1948), que para a devida conceituação dos escritores a figurarem no seu monumental livro (4 vols.) entra em considerações a respeito, para afinal concluir que, tal como Alencar e Domingos Olímpio, sempre residentes no Rio de Janeiro, não pôde deixar Franklin Távora de ser incluído na luminosa lista dos escritores que com os seus livros souberam dar lustre maior à cultura do Ceará.

Não pensa assim o historiador Sânzio de Azevedo que no prefácio ao seu bojudo e criterioso *Literatura Cearense* (Fortaleza, Publicação da Academia Cearense de Letras, 1976), aceita que "este escritor (Franklin Távora), conquanto seja uma glória para o Ceará, que o viu nasceu em Baturité, no ano de 1842, e não obstante o seu empenho em criar uma literatura do Norte, daqui partiu ainda criança, indo residir em Pernambuco, e (além do seu desconhecido romance Os *Índios do Jaguaribe*) nada produziu que se relacione ao menos com a terra natal". E não inclui entre os que são estudados no seu belo livro.

Abelardo Montenegro considera, cronologicamente *Indios do Jaguaribe* como o PRIMEIRO ROMANCE CEARENSE (*O Romance Cearense*, Fort. Tip. Royal, 1953). De 1862.

Tirante essa nódoa, filha de mocidade arrebatada, a vida de Franklin Távora é bem uma luta contra as dificuldades, só por algum tempo menos atribulado quando pôde ser chamado pelo governo pernambucano para dirigir a Instrução Pública e a seguir desempenhar, na Justiça, o cargo de Curador Geral de Órfãos, e o mandato de deputado da Assembléia Legislativa de Pernambuco.

O Barão de Studart o registra no seu tão útil *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (1.º vol.), prova de que o tem como escritor nosso, pois neste livro não faz menção nenhuma a escritor que não tenha nascido no Ceará, do que é exemplo Rodolfo Teófilo, o qual, vindo ao mundo eventualmente na Bahia, veio batizar-se no Ceará. Irritava-se com quem lhe chamava de baiano: "sou cearense porque quero", respondia. Em seu livro *A Seca* de 1915, na introdução sob a epígrafe Bibliografia, ele se diz *nascido no Ceará*, tendo-se batizado

na igreja do Rosário (Fortaleza) no dia 1.º de outubro de 1853. Nascera a 6 de maio anterior.

Todos os que tratam da figura insigne de Távora são acordes em afirmar que ele deixou definitivamente o Ceará em tenra idade, um tanto vaga na definição da data em que o fez. Nascido em 1842, é de ver que essa tenra idade foi a decada de 1840, época em que iniciou os estudos das primeiras letras. Com forte pendor para a criação literária, já em 1861, aos 19 anos de idade, publicava o seu primeiro livro de contos no botequim — *A Trindade Maldita,* revelando, como diz o Barão de Studart *(Dicionário Biobibliográfico Cearense,* 1.º vol. p. 482) empolgante influência de Álvares de Azevedo, obra escrita no prazo exíguo de dez dias, saída das tipografias do Recife.

Franklin Távora (João Franklin da Silveira Távora) nasceu mais precisamente no dia 13 de janeiro de 1842, matriz J. Candéia, na serra de Baturité (Ceará) num sítio Serrinha-da-Glória pertencente ao seu avô, o pernambucano Tenente-coronel Antônio Gomes da Silveira, e filho do Major Camilo Indiático da Silveira Távora e Maria de Santana.

Recebeu a instrução primária — e estamos repetindo Artur Mota em estudos na *Revista da Academia Brasileira de Letras,* vol. XXXIX, sob o título Perfis Acadêmicos — a cidade do Recife, para onde se transferiu a família, e em Goiana prosseguiu os estudos preparatórios, matriculando-se, em 1859, na Faculdade de Direito. Bacharelou-se em 1863, com idade de 21 anos, e foi tentar a advocacia na então província de Alagoas. Cedo regressou à capital pernambucana, por ocasião do falecimento do pai, para assumir o encargo da família — viúva e três filhos menores. Dedicou-se, então, à vida jornalística, aceitando o lugar de revisor do *Jornal do Recife* e impondo-se, em curto período, pelo talento privilegiado. Antes de concluir o curso acadêmico, já havia estreado com um livro de contos extravagentes, um drama, mais tarde refundido, é o seu primeiro romance. A partir de 1869, redigiu, em companhia de José de Castro e Silva, a *Consciência Livre,* periódico anticlerical revolucionário, combatendo o poder eclesiástico. Foi eleito deputado provincial em 1868, nomeado diretor da Instrução Pública pelo presidente Silveira Lobo e Curador Geral do Órfãos, cargo que exerceu de 1873, quando se transferiu

para a província do Pará, na qualidade de Secretário da Presidência. Sucessivamente escreveu em *O Americano,* com Tobias Barreto, e em *A Verdade,* seminário consagrado à causa da humanidade, no qual agitou a questão religiosa, combatendo o poder eclesiástico. No ano de 1875, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde desempenhou o cargo de oficial da Secretaria do Império, e desenvolveu maior atividade intelectual, até falecer, em 18 de agosto de 1888. Fundou a Associação dos Homens de Letras, foi sócio do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e de outras corporações.

Artur Mota não se refere ao Instituto Histórico Brasileiro, já na época o mais importante sodalício cultural do Brasil, no qual ingressou em 1880, para no ano seguinte ser escolhido seu orador oficial, o que era uma honraria sem par, tendo exercido essa função até 1887, quando se dedicou com ardor especial à redação na Revista do Instituto e à organização dos trabalhos que nela deviam figurar.

Quando morava ainda no Recife, publicou livros, preparou peças de teatro e deu começo às suas célebres e amargas *Cartas a Cicinato,* sob o pseudônimo de Semprônio, envolvendo-se, como ficou dito, no feio trabalho de criticar José de Alencar.

"*As Cartas de Semprônio* — registra Sílvio Romero — têm valor literário, mas foi um erro da parte do romancista d'*O Matuto* o haver-se juntado ao intrigante português que, no debate, era movido por empreitada política de desafetos de Alencar, de um lado, e do outro por patriotada lusa, desejosa de deprimir a primeira figura literária brasileira do tempo. Mas a boa fé de Franklin Távora era completa: ele residia então no Recife, donde enviava as suas cartas, e não estava a par dar tramóias de José Feliciano."

Confere o parecer de Ronald de Carvalho: "Sem ter os predicados de um grande lirista, como, por exemplo, Alencar, Távora possuía, não obstante, uma visão dupla dos nossos cenários selvagens. *O Cabeleira,* onde estudou o cangaceiro, os seus hábitos e a sua índole de salteador; *O Matuto,* em que pintou a raça e os costumes primitivos do caboclo nortista; assim como *Lourenço* e a *Casa de Palha* são documentos ainda hoje verificáveis da sua aguda penetração intelectual, de sua perfeita compreensão da vida rústica brasileira, ao mesmo tempo doce e agressiva, criminosa e heróica, repul-

siva e nobre... Távora não os procurou (os seus matutos) por mera diletância, nem para revelar agudezas de estilo ou exotismo caroáveis ao paladar dos citadinos. Ao contrário, chorou com eles, admirou-se de suas energias silenciosas, da sua tranqüila altivez, apiedou-se deles e de sua miséria moral."

Esses três livros citados pelo autor da *Pequena História da Literatura Brasileira* são os que, deliberadamente escreveu Franklin Távora com o intuito de convencer da existência de uma *Literatura do Norte,* tão polêmica e afinal não aceita pelos velhos críticos literários, tais como Sílvio Romero, para quem Távora "teve a coragem de falar em Literatura do Norte... Daí a má vontade".

Daí, salienta Sílvio, "o afastamento em que deles se colocou sempre o faccioso público dos literatos de ofício."

Essas obras de Távora são acusadas como saídas de pena de autor cujo "temperamento não era o de um poeta. A sua obra pouco explora temas sentimentais ou o estudo da alma humana; volve-se de preferência ao exame dos costumes populares, às lendas e tradições nacionais, aos fenômenos sociais e aspectos da vida campesina. Pode-se classificar o romancista entre os primeiros escritores que cultivam o realismo, sem intenção ou sistema preconcebido, exatamente como Manuel de Almeida e mais tarde Taunay. Os quadros da natureza pouco seduzem o espírito, as paisagens e o ambiente nos seus romances não têm relevo. Ele prefere as descrições da vida em coletividade, dos costumes nas habitações rurais."

E mais, "Clovis Beviláqua, o seu melhor crítico, escreveu com muito acerto: As fontes de sua inspiração foram: o sentimento patriótico e a liberdade. O primeiro fazia-o compreender, pela simpatia, as crônicas do país, adorar os seus heróis e descobrir no futuro, mal esboçado, ainda, no pensamento, uma forma de cultura particular do povo brasileiro. Daí partiu para desdobrar o estandarte de uma literatura do Norte, onde lhe parecia estarem assentadas as bases dessa formação social. A segunda fê-lo batalhar na imprensa periódica e põe, nas suas obras literárias, um ardor comunicativo, que é dos mais prezados encantos um detalhe dessa espécie."

Mais — adianta Artur Mota — "faleceu-lhe todavia a envergadura para obra de tão elevado alcance. Não era adotado da faculdade poderosa de análise e nem possuía a cultura filosófica indispen-

sável a generalizar fatos observados e imprimir a orientação decisiva do futuro. Mas, nem por lhe escassearem esses dotes prestimosos, deixou de desempenhar, a contento, o seu papel importante na evolução do gênero literário que cultivou com mais carinho — o romance — e de prestar relevante auxílio à causa do nacionalismo, com o seu apreço à tradição."

Vale invocar estas palavras de Vinicius Barros Leal, no seu referido ensaio: "Achou que poderia falar em nome de uma literatura do Norte diversa daquela que se divulgava no Sul e na defesa desse seu ponto de vista tomou uma posição incompreendida até hoje. Arrastou-se a um verdadeiro chauvinismo que na centúria apenas criava uma atmosfera de antipatia em torno de seu nome. Agia, no entanto, de boa-fé. Longe dele qualquer outro sentimento que não fosse aquele de defesa do seu modo de entender, ponto de vista honestamente aceitável, mas reconhecidamente indefensável. A prova está em que a obra de Alencar persiste admirada, elogiada, apesar dos seus reconhecidos defeitos *(sic)*. A de Távora não teve o mesmo sucesso. Ninguém nega a primazia que lhe cabe de iniciador de um tipo de literatura regionalista, explorando temas e figuras ainda até então não manejados. Foi o pioneiro do moderno naturalismo do romance brasileiro."

Particularizando o Ceará, transmite-nos Mário Linhares que "de todas as provincias do Brasil, foi o Ceará a que mais tem distinguido pela sua feição regionalista. É a terra mais bem caracterizada pelos seus escritores na fixação de uma expressão literária própria. Desde José de Alencar até hoje as obras regionais não deixam de ser a predileção das suas letras. Aí estão Franklin Távora, Oliveira Paiva, Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Papi Júnior, Domingos Olímpio, Alvaro Martins, Antônio Sales, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, Herman Lima, Martins D'Alvarez, Fran Martins e outros que formam a guarda avançada desse movimento de nacionalização de nossa litetura. Vem daí a chamada *Literatura do Norte,* de Franklin Távora." *(História Literária do Ceará,* Rio, 1948).

Lucia Miguel Pereira, estudando os livros de Távora, chega à afirmação radical de que *O Cabeleira,* o mais famoso de seus livros por ele classificado de romance histórico, pode ser histórico, mas não é romance. É uma biografia romanceada, mal romanceada e mal

escrita. O mesmo se poderá dizer de *Lourenço* que, com o subtítulo "Crônica pernambucana", trata em continuação a *O Matuto*, de episódio da guerra dos mascates". E acrescenta: "Evidentemente, na vida de um cangaceiro, ou em fatos que se prendem a uma guerra civil, há matéria de romance e não é pelo assunto que não merecem essa classificação os livros de Franklin Távora. Partindo da realidade ou da ficção, fruto da observação ou da imaginação, o romance só tem uma característica essencial: criar a vida, dar emoção da vida dentro do plano e das regras da arte. Isto é o que não há em Franklin Távora: nem vida, nem arte". E mais: "O homem que primeiro quis dividir a literatura brasileira em dois campos opostos, Norte e Sul, achando que mais no norte do que no sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra, não poderia aproveitar, mesmo que o fato existisse, essa superioridade da zona em que nasceu. Porque, se não lhe faltam algumas genialidades de escritor — tendo dons de observação, e certa vivacidade e naturalidade de estilo — faltam-lhe por completo as de romancista." (in *O Romance Brasileiro* (de 1752 a 1930), coordenação e notas de Aurélio Buarque de Holanda, Rio, *Edições O Cruzeiro,* 1952, pg. 103-104).

Enquanto isto Sílvio Romero, apesar do seu conhecido rigorismo, opõe: "O estilo (em *O Cabeleira)* mostra-se apurado e tornado mais firme: a figura do protagonista, o célebre Cabeleira, bandido como muitos outros que têm infestado várias regiões centrais do Brasil, se destaca com nitidez. As cenas de costumes tomadas ao vivo multiplicam-se. É um belo livro, sem sombra de dúvida" (idem, p. 96). E quanto a *O Matuto:* "é o segundo livro da *Literatura do Norte.* Os recursos de forma, de observação, de naturalidade, de vigor realístico em a narrativa, tem-se apurado a ponto de fazer deste livro um dos mais perfeitos da romântica brasileira". E sobre *Lourenço:* "é o desdobramento natural *d'O Matuto;* mas lhe é superior pelo apuro do estilo. É a obra-prima do autor".

Onde ficar ante tão violento contraste de julgamento?

Afinal, como acentua Vasco Damasceno Weyne, inteligência moça e clara forrada de bons conhecimentos literários, afinal, "em outros ensaios, inserto em sua *História da Literatura Brasileira — Prosa e Ficção* de 1870 a 1920, realizando estudo mais completo, a

apreciada ensaísta mostra-se menos rigorosa diante do corifeu da chamada Literatura do Norte, permitindo-se mesmo uma atitude mais simpática em relação aos romances *Lourenço e Casamento de Arrabalde*. Mas ainda indisposta a perdoar Semprônio contra Sênio, d. Lúcia não anotou, em nenhum de seus mencionados estudos, o sentido profundamente humano da obra do autor de *O Cabeleira*, aspecto de seus romances sempre colocados em relevo por quantos deles se hão aproximado." *(Meu Chão de Estrelas*, Fort. 1974).

Mas, para Artur Orlando, "o regionalismo de *Franklin Távora* é forma demasiadamente, senão extraordinariamente ridícula".

No Ceará — escreve Abelardo Montenegro, Távora não é exaltado como Alencar. *Iracema* com diversas edições. *Os Indios do Jaguaribe* não vai à segunda edição completa, considerando-se hoje, obra rara, possivelmente guardada com ciúme por bibliófilos. Há, entretanto, vozes que proclamam o valor de Távora, acordando os conterrâneos para a consagração do filho ilustre, *do mais regionalista dos escritores*".

Em verdade, a mudança do "filho ilustre", cearense radicado no Recife, onde constituiu família, para o Rio de Janeiro deu-lhe maior terreno para as suas criações e atividades literárias, fundando jornais e escrevendo em jornais, ao mesmo passo que, a contragosto, exercia cargo público, "com, aliás, funcionário de individualidade apagada, o que sobremodo o magoava — informa Clóvis Beviláqua —, porque os companheiros intencionalmente esqueciam o lado brilhante do escritor para somente salientarem a inaptidão do oficial". Ele mesmo confessou a Araripe Júnior: "V. não imagina o prazer que sinto quando batem três horas e se encarra o expediente: experimento a mesma sensação que me invadia na escola de primeiras letras, logo que o mestre dava sinal de descanso e a meninada corria para a rua a saltar, a berrar, a gritar liberta da opressão que causavam a ferula e o encerro durante as horas de lição."

Entrado para o Instituto Histórico Brasileiro, o coroamento do homem cultural da época, já era um torturado de mil tristezas, advindas do modo como ficou olhado de esguelha pelo povo carioca depois de seus insultos a Alencar, então por ele lido e admirado, e de dificuldades financeiras para o sustento da família.

Bem salienta Alfredo E. de Taunay em discurso proferido na sessão magna aniversária do Instituto (15 de dezembro de 1888): "mas de todos os achaques literários e embates, uns provocados, outros suportados, e do amargo travo da experiência, que Franklin Távora provara nas dificuldades da vida, já então arregado de família e arcando com escassos meios de subsistência, resultou certa depressão do seu espírito, que foi achando gosto no retraimento e na moderação; e aí começou para nós, companheiros do Instituto Histórico, o período de sua existência mais proveitoso e que nos torna a sua memória tão benquista e saudosa. Em 1880 é proclamado sócio efetivo e já no ano seguinte levantava aqui a voz como nosso orador, exercendo este penoso cargo até 1887, quando se dedicou, com ardor especial, à redação de nossa Revista e à organização dos trabalhos que nela deviam figurar... Dominava-lhe, contudo, o ardor dos esforços; o pressentimento de morte bem próxima ele o deixou transparecer em palavras que feriram a atenção dos que o ajudavam nos preparativos da festa do Jubileu... Determinou de outro modo a morte e dispôs de Franklin Távora, quando mais preciso se nos ia tornando. Jamais, jamais, contudo, esqueceremos sua leal, constante e sincera coadjuvação, que muito representa, pois, tendo pertencido à escola dos intransigentes, dos incontentáveis e sarcásticos, na sua identificação conosco implicitamente nos dispensava homenagem do mais alto apreço e significativa estimação."

Nada obstante tudo isso, cercando a sua personalidade de homem e de escritor, projetou-se no fim de contas como merecia no apreço e respeito dos seus pósteros, a ponto de ter o nome incluído entre aqueles que deviam compor o quadro de Patronos da Academia Brasileira de Letras (Cadeira n. 14), outro coroamento intelectual em nosso País. De igual forma, figura como Patrono de uma das Cadeiras (a de n. 16), todos cearenses, da Academia Cearense de Letras por ocasião de sua reestruturação em 1922, no governo do Dr. Justiniano de Serpa. Na Sociedade Cearense de Geografia e História, fundada em 1935, é Patrono da Cadeira n. 22.

Seria o caso de terminar com estas palavras de Abelardo Montenegro: "O romance cearense, a despeito de tudo, seguiu a orientação de Távora. O regionalismo por excelência. E as restrições que os romancistas cearenses fazem a José de Alencar parecem ser a

perpetuação das recriminações do próprio Távora, nessa porfia quase freudiana."

E dele, noutro lugar: "O Norte, por sua história, de feitos heróicos, por seus usos, tradições e poesia popular, há de ter cedo ou tarde uma biblioteca especialmente sua."

"O Norte e o Sul, escreveu Távora — devem ter literaturas próprias, porque o gênio de um não se confunde com o do outro". Ou mais precisamente, como está no prefácio do seu *O Cabeleira:* "Quando, pois, está o Sul em tão formidáveis condições, que até conta entre os primeiros luminares das suas letras este distinto cearense (refere-se a José de Alencar), tem os escritores do Norte que verdadeiramente estimam seu torrão o dever de levantar ainda com luta e esforços os nobres foros desta grande região, exumar seus tipos legendários, fazer conhecidos seus costumes, suas lendas, sua poesia, máscula, nova, vivida e louçã tão ignorada no próprio templo onde se sagram as reputações, assim literárias como políticas, que se enviam às províncias. Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem as suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política."

Isto reconhecido, consagra a rebeldia literária do autor de *Lourenço.*

Porém tudo bem claramente compreendido como nesta advertência de Mário Linhares: "A literatura regionalista não deve ser vista como uma diferenciação de regiões, de zonas divergentes, mas com espelho de condições e aspectos característicos, sem o mais leve intuito de desagregação, antes colaborando na obra de esforço comum da unidade nacional."

Cabem aqui, muito ajustadas, estas sensatas páginas de José Veríssimo:

"Joaquim (erro do autor ou engano de revisão) Franklin da Silveira Távora era do Ceará, nascido em 13 de janeiro de 1843. Passou a maior parte da sua vida no norte, onde se lhe formou o espírito e pelo qual tinha um apego bairrista. Os seus últimos anos viveu-os no Rio de Janeiro, e aqui faleceu em 18 de agosto de 1888.

Acaso mais por espírito de insubordinação dos escritores novéis contra os consagrados, que por justificadas razões, foi dos que se insurgiram contra a hegemonia literária de Alencar. Tem sido sempre aqui a literatura uma cousa a parte na vida nacional. Feita principal se não exclusivamente por moços despreocupados da vida prática, que sacrificavam a ingênuas ambições de glória ou à vaidade de nomeada, nunca assegurou aos seus cultores posições ou proveitos, como não constituiu jamais profissão ou carreira. Nestas condições tal insurreição, como outras quejandas, e tanta cousa da nossa vida literária, era apenas uma macaqueação de idênticas rebeliões nos centros literários europeus. Com violência que tanto pode rever sinceridade de convicções como a congênita irritabilidade dos poetas, e sob o pseudônimo de *Semprônio,* atacou Franklin Távora a José de Alencar, e aos seus livros, nomeadamente a *Iracema* e o *Gaúcho,* em uma série de cartas primeiro publicadas num periódico do Rio, depois reunidas em livros de nítida edição de Paris.

Sob o disfarce de Cincinato eram endereçados ao escritor português José Feliciano de Castilho. Ainda banindo da literatura e da vida, como devem ser, quaisquer estreitas prevenções nacionais, de todo impertinentes na ordem intelectual, essa obra de Franklin Távora, aliás apreciável como crítica e como estilo, era uma má ação. Fossem quais fossem os defeitos da de Alencar, não eram tais que o desclassificassem do posto que ocupava nas nossas letras. Determinava-a demais uma verdadeira vocação literária, como a inspiravam uma sincera e nobre ambição de promover a literatura nacional. E em verdade o fazia com honrado labor e engenho no momento incomparável. Ao mesmo empenho, aliás, se consagrara Franklin Távora, encetando a sua atividade literária com livros da chamada "literatura brasileira", *Os Índios de Jaguaribe, Um casamento no arrabalde.* E o mesmo propósito teve o resto da sua vida. Nem ao cabo a sua literatura diferia notavelmente da de Alencar, senão por lhe ser inferior. *Os Índios de Jaguaribe, O Cabeleira, O Matuto, O Lourenço,* que são as suas obras típicas como indianismo ou regionalismo pitoresco, não se diferenciam essencialmente dos romances de Alencar da mesma inspiração, e menos ainda os excedem em merecimento. São-lhes antes somenos como imaginação e estilo. E era a um escritor estrangeiro que se fizera aqui o negador sistemático ou o insti-

gador da negação sistemática, do nosso engenho e capacidade literária, que Franklin Távora tomava por parceiro nesse jogo de descrédito do escritor que com tanta bizarria, e não sem sucesso, se empenhava no fomento da literatura nacional. Mas na vida literária não há maior satisfação nem melhor prêmio, de que vermos seguir-nos os passos os mesmos que nos contestam e nos atacam. Se Alencar fosse um homem de espírito, a investida de Franklin Távora, acompanhada de seus "romances brasileiros", devia intimamente rejubilá-lo. Sem embargo de endereçadas ao irmão de Antonio de Castilho, o serôdio arcade contra quem se tinha revoltado não havia muito a mocidade literária portuguesa, as *Cartas a Cincinato* eram acaso repercussão do famoso e ridículo motim literário do *Bom senso e bom gosto*. Não tiveram, porém, o eco da celebre carta deste título de Antero de Quental a aquele, nem motivaram senão as respostas malignas e ainda ferinas do seu equívoco destinatário.

Com excelentes qualidades literárias tinha Franklin, mais do que é lícito a um homem de espírito, preconceitos provincianos, quizila à "Corte", cujos literatos, aliás na maioria provincianos, imaginava apostados em desconhecer e hostilizar os escritores da província. Algum tempo, justamente naquele em que fazia as suas primeiras armas literárias Franklin Távora, prevaleceu este estado de espírito, que o revia mesquinho, em certo grupo de homens de letras nortistas, indiscretamente revoltados contra a legítima e natural preponderância mental do Rio de Janeiro. Como se, dada a nossa formação histórica e cultural, e organização política, não fosse absurdo o regionalismo espiritual que lhes apetecia. Desta ridicularia ainda haverá algum representante anacrônico, e nunca se emancipou Franklin Távora. Manifestou-o ainda no prefácio da 2.ª edição, aqui publicada, de *Um casamento no arrabalde*. Esta prevenção lhe teria gerado a desinteligente ojeriza a Alencar, como um dos "sacerdotes sumos", segundo o seu dizer, da literatura dos que no Rio de Janeiro menosprezavam a da província. Do mesmo preconceito lhe viria a infeliz idéia da repartição da literatura brasileira em "literatura do Norte" e "literatura do Sul", conforme a região brasileira que lhe fornecia a inspiração e o tema. Quão melhor alumiado não andou Alencar escolhendo os seus sem preferência de regiões, para compor segundo o belíssimo dizer de Machado de Assis "com as di-

ferenças da vida, das zonas e dos tempos a unidade nacional de sua obra".

Mas a obra construtiva de Franklin Távora, os seus quatro ou seis romances publicados de 1869 a 1881, excluídos os *Índios do Jaguaribe,* tentativa malograda de indianismo da sua juventude inesperta, sobreleva de muito este seu mal avisado trabalho de demolição. Ele não tem nem a imaginação nem o alinhavado estilo literário de Alencar, escreve todavia com mais apuro e observa com mais fidelidade. A sua representação da natureza e da vida é mais exata, se não mais expressiva. A sua língua mais simples, menos enfeitada, atingindo mesmo às vezes, como no *Casamento no arrabalde,* uma singeleza encantadora, livra-o da retórica sentimental que Alencar nem sempre evitou. Este último romance é no seu gênero um dos melhores da nossa literatura, um daqueles em que a vida burgueza provinciana, e não só nas suas exterioridades, mas nos seus caracteres intrínsecos e essenciais, se acha mais fiel e artisticamente reproduzida. *Um casamento no arrabalde,* como a *Inocência,* de Taunay, é um romance de um realista espontâneo, para quem o realismo não exclui por completo a idealização artística, que é como o sopro divino que lhe anima a feitura. Algo deste caráter realista se nos depara em todos os romances de Távora, o que faz dele, como do seu contemporâneo Taunay, um dos reatores contra a romântica aqui ainda então prevalecente, um dos percursores, portanto, do naturalismo. *História da Literatura Brasileira,* Rio, editor Francisco Alves, 1929, p. 320-323.

E, por fim, com todo o seu poder de crítico e sociólogo, interpreta Djacir Meneses: "Evidentemente, Franklin Távora não se colocaria jamais ao nível de Machado ou Alencar, na hierarquia dos valores literários nacionais. Mas, reconhecido por suas qualidades medianas de escritor probo, tornou-se o PIONEIRO no estudo da sociedade nordestina, lutador honesto e infatigável que pôs toda a sua aspiração no trabalho intelectual, dignificando-o com a límpida nobreza de seus propósitos. E sua obra marcou momento definido na consciência literária do Norte e, conseqüentemente, do País" (in revista *Aspectos,* publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, Vol. 2, p. 103).

Maio de 1985